

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: exercícios

1) (Enem) Quando vou a São Paulo, ando na rua ou vou ao mercado, apuro o ouvido; não espero só o sotaque geral dos nordestinos, onipresentes, mas para conferir a pronúncia de cada um; os paulistas pensam que todo nordestino fala igual; contudo as variações são mais numerosas que as notas de uma escala musical. Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí têm no falar de seus nativos muito mais variantes do que se imagina. E a gente se goza uns dos outros, imita o vizinho, e todo mundo ri, porque parece impossível que um praiano de beira-mar não chegue sequer perto de um sertanejo de Quixeramobim. O pessoal do Cariri, então, até se orgulha do falar deles. Têm uns tês doces, quase um the; já nós, áspersos sertanejos, fazemos um duro au ou eu de todos os terminais em al ou el - carnavau, Raqueu... Já os paraibanos trocam o l pelo r. José Américo só me chamava, afetuosamente, de Raquer.

Queiroz. R. O Estado de São Paulo. 09 maio de 1998 (fragmento adaptado).

Raquel de Queiroz comenta, em seu texto, um tipo de variação linguística que se percebe no falar de pessoas de diferentes regiões. As características regionais exploradas no texto manifestam-se:

- A) na fonologia.
- B) no uso do léxico.
- C) no grau de formalidade.
- D) na organização sintética.
- E) na estruturação morfológica.

2) Leia o texto a seguir e responda:

Óia eu aqui de novo xaxando	Como se deve xaxar.
Óia eu aqui de novo pra xaxar	Vem cá morena linda
Vou mostrar pr'esses cabras	Vestida de chita
Que eu ainda dou no couro	Você é a mais bonita
Isso é um desaforo	Desse meu lugar
Que eu não posso levar	Vai, chama Maria, chama Luzia
Que eu aqui de novo cantando	Vai, chama Zabé, chama Raque
Que eu aqui de novo xaxando	Diz que tou aqui com alegria.
Óia eu aqui de novo mostrando	(BARROS, A. Óia eu aqui de novo)

A letra da canção de Antônio Barros manifesta aspectos do repertório linguístico e cultural do Brasil. O verso que singulariza uma forma do falar popular regional é:

- A) "Isso é um desaforo"
- B) "Vou mostrar pr'esses cabras"
- C) "Diz que eu tou aqui com alegria"
- D) "Vai, chama Maria, chama Luzia"
- E) "Vem cá, morena linda, vestida de chita"

3) Leia o texto:

“Só há uma saída para a escola se ela quiser ser mais bem-sucedida: aceitar a mudança da língua como um fato. Isso deve significar que a escola deve aceitar qualquer forma de língua em suas atividades escritas? Não deve mais corrigir? Não!

Há outra dimensão a ser considerada: de fato, no mundo real da escrita, não existe apenas um português correto, que valeria para todas as ocasiões: o estilo dos contratos não é o mesmo dos manuais de instrução; o dos juízes do Supremo não é o mesmo dos cordelistas; o dos editoriais dos jornais não é o mesmo dos cadernos de cultura dos mesmos jornais. Ou do de seus colunistas.”

Adaptado de: POSSENTI, S. Gramática na cabeça. Língua Portuguesa, ano 5, n. 67, maio 2011.

Sírio Possenti defende a tese de que não existe um único “português correto”. Assim sendo, o domínio da língua portuguesa implica, entre outras coisas, saber:

- A) desprezar as formas da língua previstas pelas gramáticas e manuais divulgados pela escola.
- B) moldar a norma padrão do português pela linguagem do discurso jornalístico.
- C) reservar o emprego da norma padrão aos textos de circulação ampla.
- D) adequar as formas da língua a diferentes tipos de texto e contexto.
- E) descartar as marcas de informalidade do texto.

4) Leia o texto:

Até quando?	Não adianta olhar pro chão
Não adianta olhar pro céu	Virar a cara pra não ver
Com muita fé e pouca luta	Se liga aí que te botaram numa cruz e só porque
Levanta aí que você tem muito protesto pra fazer	Jesus
E muita greve, você pode, você deve, pode crer	Sofreu não quer dizer que você tenha que sofrer!

*(GABRIEL, O PENSADOR. Seja você mesmo (mas não seja sempre o mesmo).
Rio de Janeiro: Sony Music, 2001 (fragmento)).*

As escolhas linguísticas feitas pelo autor conferem ao texto:

- A) tom de diálogo, pela recorrência de gírias.
- B) originalidade, pela concisão da linguagem.
- C) espontaneidade, pelo uso da linguagem coloquial.
- D) caráter atual, pelo uso de linguagem própria da internet.
- E) cunho apelativo, pela predominância de imagens metafóricas.

5) Leia o texto:

"Todas as variedades linguísticas são estruturadas e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades de seus usuários. Mas o fato de estar a língua fortemente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade conduz a uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades regionais, sociais e estilísticas. A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as

muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque atua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade. Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação."

(Celso Cunha. Nova gramática do português contemporâneo. Adaptado.)

A partir da leitura do texto, podemos inferir que uma língua é:

- A) a modalidade oral alcança maior prestígio social, pois é o resultado das adaptações linguísticas produzidas pelos falantes.
- B) A língua padrão deve ser preservada na modalidade oral e escrita, pois toda modificação é prejudicial a um sistema linguístico.
- C) conjunto de variedades linguísticas, dentre as quais uma alcança maior valor social e passa a ser considerada exemplar.
- D) sistema que não admite nenhum tipo de variação linguística, sob pena de empobrecimento do léxico.

6) (ENEM) Leia o texto:

Em Bom Português

No Brasil, as palavras envelhecem e caem como folhas secas. Não é somente pela gíria que a gente é apanhada (aliás, não se usa mais a primeira pessoa, tanto do singular como do plural: tudo é “a gente”). A própria linguagem corrente vai-se renovando e a cada dia uma parte do léxico cai em desuso.

Minha amiga Lila, que vive descobrindo essas coisas, chamou minha atenção para os que falam assim:

– Assisti a uma fita de cinema com um artista que representa muito bem.

Os que acharam natural essa frase, cuidado! Não saber dizer que viram um filme que trabalha muito bem.

E irão ao banho de mar em vez de ir à praia, vestido de roupa de banho em vez de biquíni, carregando guarda-sol em vez de barraca. Comprarão um automóvel em vez de comprar um carro, pegarão um defluxo em vez de um resfriado, vão andar no passeio em vez de passear na calçada. Viajarão de trem de ferro e apresentarão sua esposa ou sua senhora em vez de apresentar sua mulher.

(SABINO, F. Folha de S. Paulo, 13 abr. 1984)

A língua varia no tempo, no espaço e em diferentes classes socioculturais. O texto exemplifica essa característica da língua, evidenciando que:

- a) o uso de palavras novas deve ser incentivado em detrimento das antigas.
- b) a utilização de inovações do léxico é percebida na comparação de gerações.
- c) o emprego de palavras com sentidos diferentes caracteriza diversidade geográfica.
- d) a pronúncia e o vocabulário são aspectos identificadores da classe social a que pertence o falante.
- e) o modo de falar específico de pessoas de diferentes faixas etárias é frequente em todas as regiões.

7) (ENEM) Leia o texto:

“Acuenda o Pajubá”: conheça o “dialeto secreto” utilizado por gays e travestis

Com origem no iorubá, linguagem foi adotada por travestis e ganhou a comunidade

“Nhaí, amapô! Não faça a loka e pague meu acuê, deixe de equê se não eu puxo teu picumã!” Entendeu as palavras dessa frase? Se sim, é porque você manja alguma coisa de pajubá, o “dialeto secreto” dos gays e travestis.

Adepto do uso das expressões, mesmo nos ambientes mais formais, um advogado afirma: “É claro que eu não vou falar durante uma audiência ou numa reunião, mas na firma, com meus colegas de trabalho, eu falo de ‘acuê’ o tempo inteiro”, brinca. “A gente tem que ter cuidado de falar outras palavras porque hoje o pessoal já entende, né? Tá na internet, tem até dicionário...”, comenta.

O dicionário a que ele se refere é o Aurélia, a dicionária da língua afiada, lançado no ano de 2006 e escrito pelo jornalista Angelo Vip e por Fred Libi. Na obra, há mais de 1300 verbetes revelando o significado das palavras do pajubá.

Não se sabe ao certo quando essa linguagem surgiu, mas sabe-se que há claramente uma relação entre o pajubá e a cultura africana, numa costura iniciada ainda na época do Brasil colonial.

Disponível em: www.midiamax.com.br. Acesso em: 4 abr. 2017 (adaptado).

Da perspectiva do usuário, o pajubá ganha status de dialeto, caracterizando-se como elemento de patrimônio linguístico, especialmente por:

- a) ter mais de mil palavras conhecidas.
- b) ter palavras diferentes de uma linguagem secreta.
- c) ser consolidado por objetos formais de registro.
- d) ser utilizado por advogados em situações formais.
- e) ser comum em conversas no ambiente de trabalho.

8) (Fuvest) Leia o texto:

Todas as variedades linguísticas são estruturadas e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades de seus usuários. Mas o fato de estar a língua fortemente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade conduz a uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades regionais, sociais e estilísticas. A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque atuam como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade. Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação.

Celso Cunha. Nova gramática do português contemporâneo. Adaptado.

De acordo com o texto, em relação às demais variedades do idioma, a língua padrão comporta-se de modo:

- a) inovador.
- b) restritivo.
- c) transigente.
- d) neutro.
- e) aleatório.

9) (IFPE-2017/adaptada) Leia o texto para responder à questão.



Bode Gaiato (crédito: reprodução/Pididbar). Acesso em: 8/11/2016.

Sobre a linguagem dos personagens do TEXTO, da página do Facebook “Bode Gaiato”, avalie as assertivas:

- I. O texto verbal, embora escrito, revela aproximação com a oralidade. A grafia da palavra “nãm” evidencia esse aspecto.
- II. Os falantes utilizam-se de uma linguagem com fortes marcas regionais, como a escolha da palavra “mainha”.
- III. O diálogo entre mãe e filho revela o registro formal da linguagem, como podemos perceber pela utilização das expressões “venha cá pra eu...” e “que nem...”.
- IV. O vocábulo “boizin”, formado com base na palavra inglesa boy, é uma marca linguística típica de grupos sociais de jovens e adolescentes.
- V. Visto que todas as línguas naturais são heterogêneas, podemos afirmar que as falas de Júnio e sua mãe revelam preconceito linguístico.

Estão CORRETAS apenas as afirmações contidas nas assertivas

- a) I, II e IV.
- b) I, III e V.
- c) II, IV e V.
- d) II, III e IV.
- e) III, IV e V.

10) (ENEM – 2017) Leia o texto:

A língua tupi no Brasil

Há 300 anos, morar na vila de São Paulo de Piratininga (peixe seco, em tupi) era quase sinônimo de falar língua de índio. Em cada cinco habitantes da cidade, só dois conheciam o português. Por isso, em 1698, o governador da província, Artur de Sá e Meneses, implorou a Portugal que só mandasse padres que soubessem “a língua geral dos índios”, pois “aquela gente não se explica em outro idioma”.

Derivado do dialeto de São Vicente, o tupi de São Paulo se desenvolveu e se espalhou no século XVII, graças ao isolamento geográfico da cidade e à atividade pouco cristã dos mamelucos paulistas: as bandeiras, expedições ao sertão em busca de escravos índios. Muitos bandeirantes nem sequer falavam o português ou se expressavam mal. Domingos Jorge Velho, o paulista que destruiu o Quilombo dos Palmares em 1694, foi descrito pelo bispo de Pernambuco como “um bárbaro que nem falar sabe”. Em suas andanças, essa gente batizou lugares como Avanhanda (lugar onde o índio corre), Pindamonhangaba (lugar de fazer anzol) e Itu (cachoeira). E acabou inventando uma nova língua.

“Os escravos dos bandeirantes vinham de mais de 100 tribos diferentes”, conta o historiador e antropólogo John Monteiro, da Universidade Estadual de Campinas. “Isso mudou o tupi paulista, que, além da influência do português, ainda recebia palavras de outros idiomas.” O resultado da mistura ficou conhecido como língua geral do sul, uma espécie de tupi facilitado.

ANGELO, C. Disponível em: . Acesso em: 8 ago. 2012. Adaptado.

O texto trata de aspectos sócio-históricos da formação linguística nacional. Quanto ao papel do tupi na formação do português brasileiro, depreende-se que essa língua indígena:

- a) contribuiu efetivamente para o léxico, com nomes relativos aos traços característicos dos lugares designados.
- b) originou o português falado em São Paulo no século XVII, em cuja base gramatical também está a fala de variadas etnias indígenas.
- c) desenvolveu-se sob influência dos trabalhos de catequese dos padres portugueses vindos de Lisboa.
- d) misturou-se aos falares africanos, em razão das interações entre portugueses e negros nas investidas contra o Quilombo dos Palmares.
- e) expandiu-se paralelamente ao português falado pelo colonizador, e juntos originaram a língua dos bandeirantes paulistas.